

## Um diálogo sobre a educação e o contexto colonial americano

### A Dialogue on Education and the American Colonial Context

DOI:10.34117/bjdv7n6-519

Recebimento dos originais: 07/05/2021

Aceitação para publicação: 01/06/2021

#### **Elder Luis do Nascimento Gomes**

Mestrando Em Educação

Instituição De Atuação Atual: Vinculado A Rede Privada De Ensino; Escola Gente Inocente.

Endereço: Rua Todos Os Santos, 2330- Romeirão - Juazeiro Do Norte – CE

E-mail: elderluis35@yahoo.com.br

#### **Narjara Peixoto Xavier Bezerra**

Mestranda em Educação

Instituição De Atuação Atual: Rede Pública Municipal De Ensino Do Crato-CE

Endereço: Rua Teodorico Teles Neto, S/N- Mirandão - Crato-CE

E-mail: narjarapeixoto@yahoo.com.br

#### **Maria Aparecida do Nascimento**

Mestranda Em Educação

Instituição De Atuação Atual: Rede Pública Municipal De Ensino Do Crato-CE

Endereço: Rua Teodorico Teles Neto, S/N- Mirandão – Crato-CE

E-mail: manascimento68@yahoo.com.br

#### **Emerson Ribeiro**

Pós-doutorado

Instituição de atuação atual: Universidade Regional Do Cariri- Urca

Endereço: Rua Cel. Antônio Luis, 1161 - 63105-000 – Pimenta- Crato- Ceará

E-mail: emerson.ribeiro@urca.br

### **RESUMO**

O presente artigo traz reflexões a cerca do contexto sociocultural americano, tendo como foco o âmbito educacional fazendo um paralelo entre as conjunturas e as formas de atuação do colonizador, junto aos nativos, situados em diferentes partes da América. O objetivo é refletir sobre o processo colonial ocorrido na América, tomando como perspectiva de análise os modelos educacionais adotados. Para tanto, partimos do princípio de que devemos nos apoiar no processo histórico para a compreensão dos aspectos a serem desvelados. Assim, nos amparamos nas elaborações teóricas de autores como: Karnal (2017), Galeano (2018), Saviani (2008), Cambi (1999) dentre outros. Buscou-se explanar sobre como se deu o relacionamento entre colonizador e colonizado por meio da educação. Para tanto, discorrermos sobre o estudo bibliográfico auxiliou na compreensão do exposto e possibilitou construir conclusões a respeito do contexto educacional e social vivenciado no período colonial.

**Palavras-chave:** Colonizador, Educação, Nativo.

## ABSTRACT

The present article brings reflections about the American sociocultural context, focusing on the educational field, making a parallel between the situations and the forms of action of the colonizers, together with the natives, located in different parts of America. The goal is to reflect on the colonial process that took place in America, taking as a perspective of analysis the educational models adopted. To do so, we start from the principle that we must rely on the historical process to understand the aspects to be unveiled. Thus, we rely on the theoretical elaborations of authors such as: Karnal (2017), Galeano (2018), Saviani (2008), Cambi (1999) among others. We sought to explain how the relationship between colonizer and colonized occurred through education. For this, the bibliographical study helped in the understanding of the exposed and made it possible to build conclusions about the educational and social context experienced in the colonial period.

**Keywords:** Colonizer, Education, Native.

## 1 INTRODUÇÃO

Temos nos deparado com muitas produções sobre o contexto educacional contemporâneo, porém se pararmos para refletir por um momento é fácil perceber que ocorreram vários acontecimentos históricos, de cunho social, político e ideológico para se chegar ao atual estado desta temática.

A história do chamado “Novo Mundo” remonta uma gama de informações pertinentes à discussão, como também encontra-se amplamente representada por autores diversos no contexto histórico. Sabendo da amplitude teórica acerca desta temática, buscamos trabalhar com um recorte histórico colonial, tendo a América como substrato espacial e promovendo uma análise no âmbito educacional.

É possível afirmar que a atual conjuntura cultural apenas pode ser compreendida em plenitude se tomarmos como base uma perspectiva histórico-social. Assim, partindo deste entendimento surgiu o questionamento norteador do presente escrito: É possível estabelecer uma reflexão comparativa acerca do processo colonial ocorrido na América tomando como perspectiva de análise os modelos educacionais adotados?

Buscamos então promover um comparativo acerca do contexto colonial no intuito de compreender a base de atuação colonizadora, a partir do modo de interação entre colonizadores e nativos, visto que estes, no período de descobrimento do chamado “Novo Mundo” sofreram intenso processo de aculturação. Para tanto, voltamos o olhar para o contexto educacional.

## PARA CHEGAR À DISCUSSÃO: O CONHECIMENTO, A EDUCAÇÃO E A EVOLUÇÃO

De início consideramos relevante dialogar sobre a educação, bem como, sua importância para a vida em sociedade. Discussões sobre a educação ganharam terreno no decorrer do século XX e XXI, anterior a estes períodos as temáticas educação e ensino eram pouco refletidas, todavia não quer dizer que não existiam, podemos, por exemplo, citar o modelo educacional dos gregos que subsidiam bases para as práticas educacionais vivenciadas na atualidade. De acordo com Cambi:

A educação no mundo antigo, pré-grego e greco-romano é também uma educação por classes: diferenciada por papéis e funções sociais, por grupos sociais e pela tradição de que se nutre. O caso-Grecia é talvez o mais emblemático: a contraposição entre *aristoi* (excelentes) e *demoi* (povo) é nítida e fundamental, mas também sujeita as tensões e reviravoltas. Aqui também vigora uma educação que mostra a imagem de uma sociedade nitidamente separada entre dominantes e dominados, entre grupos sociais governantes e grupos subalternos (...) (CAMBI, 1999, p.51)

Podemos considerar então que o “mundo antigo”, como apontado por Cambi, é marcado por um modelo de estrutura social estratificada por classes onde afirma-se a existência de um grupo dominante e um dominado, também a educação se estruturava de tal maneira. De acordo com Cambi (1999, p.49), neste modelo o educador era uma figura emblemática para a sociedade. Tidos como “mestres de verdade”, “o mundo antigo coloca como central esta figura de educador, espiritualizada e dramaticamente ativa na vida do indivíduo”. Logo este modelo educacional foi moldado e se tornou o que compreendemos por Paideia configurando assim a ideia:

da formação do homem através do contato orgânico com a cultura, organizada em curso de estudos, com o centro dedicado aos *studia humanitatis*, que amadurece por intermédio da reflexão estética e filosófica e encontra na pedagogia – na teorização da educação subtraída a influência única do costume – seu próprio guia. (CAMBI, 1999, p. 49)

Desta maneira, as bases da educação surgem neste processo de reflexão, reflexão esta marcada pela teorização de processos corriqueiros, de transmissão de conhecimentos costumeiros, bem como do aprofundamento formal científico sobre questões que permeiam a vida do ser.

Compreendemos conhecimento como o saber acumulado pautado na cultura e no perpasso de ideias. Este conhecimento é responsável por estruturar o poder. Santos e Filho (2011, p.11) compreendem este termo como “a apreensão do sujeito pelo objeto, é importante identificar quando a imagem pensada, ou seja, a imagem existente na

consciência coincide com o objeto, pois o único conhecimento é aquele com base na verdade (...)"'. Concordamos ainda com Santos e Filho quando afirmam que:

O exercício do domínio da hegemonia e da submissão do semelhante tem sido o objetivo principal dos grupos que conseguiram avançar mais rapidamente pelo maior acúmulo de saber. A distância entre os que sabem muito e os que nada sabem, aqueles que tentam criar a sua máquina pensante e os que lutam para sobreviver, tende a se acentuar cada vez mais. (SANTOS; FILHO, 2011, p.1)

Partindo deste pressuposto, podemos perceber que desde os primórdios dos debates a respeito da educação existiu esta estratificação, categorizando o povo quanto ao seu poder aquisitivo, sendo o acúmulo de saber ferramenta de submissão e manutenção do domínio hegemônico.

Enguita (1993, p.20) dialogando sobre esse contexto contribui para esta afirmação sobre a desigualdade quando destaca que “de fato, quando outras camadas ascendem à educação formal, as classes altas forçam uma diferenciação escolar (...), ou então optam diretamente pela educação doméstica a cargo de um preceptor particular.” Tal modelo social vigorou dentro das questões educacionais até o período da modernidade, justificamos tal afirmação em Cambi (1999), ao dialogar sobre o *aristoi* e o *demos*, afirma que:

Todo o mundo antigo, até a revolução cultural do cristianismo, permanecerá ancorado a esse dualismo radical de modelos formativos, que refletem e se inserem naquele dualismo entre trabalho manual e trabalho intelectual que, por sua vez, foi uma infraestrutura da cultura ocidental, pelo menos até o advento da modernidade que tornou a pôr em causa a cisão e a contraposição, exaltando aquele *Homo faber* que será o protagonista do mundo moderno: no capitalismo, na ciência/técnica, na construção de uma sociedade mais igualitária e democrática etc. (CAMBI, 1999, p.51-52)

Podemos perceber aqui que tal modelo, transcendeu eras e chegou à atualidade. De fato a educação é resultado do afastamento do homem das barreiras naturais, afirmado por Marx e contextualizado por Maceno (2019, p.34), mas isto apenas é possível se considerarmos o trabalho como perspectiva que leva o homem a agir de forma teleológica. De acordo com Maceno:

De fato, podemos diferenciar o homem dos outros animais por diversas características que lhe são peculiares, tais como linguagem, consciência, conhecimento, arte, educação etc. Esses fenômenos só existem entre os homens, porém nenhum deles é capaz de impulsionar o salto do mundo natural ao ser social. Apenas o trabalho é capaz de realizar esse salto. (MACENO, 2019, p. 34)

Compreendemos então o trabalho como gerador de desenvolvimento que leva o homem a interpretar e agir de forma reflexiva no meio, a educação surge dentro deste processo. Mesmo não sendo o principal fator a ampliar as noções humanas em um contexto social, a educação ainda é parte importante. De acordo com Maceno (2019, p.43) “a educação é um processo social e, por isso, somente ocorre entre os homens”, que como qualquer outro agenciamento humano surgiu para “responder necessidades da sociedade humana”.

Trabalho e educação se tornam indissociáveis nesta discussão, pois a transmissão do conhecimento (tanto formal quanto informal) é resultado da educação, e para haver a continuidade no processo social é necessário ocorrer a transmissão dos saberes incorporados e aperfeiçoados. Dentre os conhecimentos transmitidos se situa o trabalho. Maceno (2019) justifica tal afirmação quando destaca que:

Para garantir a sobrevivência da espécie humana e a continuidade do ser social, os homens devem tornar aptas as gerações que os sucedem, num procedimento contínuo de apropriação e transmissão, que não se inscreve no âmbito da processualidade genético-biológica. (...) Deste modo, a existência humana é indissociável da educação, Quando o trabalho funda o homem, junto com ele é fundada a educação como necessidade inexorável para a realização do trabalho. (MACENO, 2019, p.48)

Considerando tudo que foi discutido até então no corpo deste escrito, se torna perceptível o fato de que o saber é necessário para a continuidade da espécie humana, assim como o nível da educação distancia os homens. Dentro deste recorte histórico (antiguidade) é possível perceber a educação como elemento central. Cambi (1999, p.58) aponta que “já nesta fase, a educação dos jovens torna-se o instrumento central para a sobrevivência do grupo e a atividade fundamental para realizar a transmissão e o desenvolvimento da cultura”. Complementando esta afirmação e solidificando nosso ponto de vista a respeito dos fatos, citamos Maceno, quando afirma que:

Desde as formas mais elementares de comunidades humanas as mais complexas, o homem só pode ser parte delas a partir da incorporação do patrimônio produzido sócio- historicamente pela humanidade. (...) A “viragem” ocorre com o aparecimento do *homo sapiens*. Deste momento em diante, todo o processo histórico de aquisição e realização não será mais acompanhada de transformações genético-evolutivas. (MACENO, 2019, p.49)

A princípio o processo de incorporação do conhecimento e desenvolvimento das relações sociais era acompanhado por um desenvolvimento genético, com o surgimento

do *homo sapiens* ocorreu a interrupção deste procedimento, assim a sociedade veio a incorporar seu conhecimento a partir da difusão e aperfeiçoamento dos saberes.

Compreendemos a amplitude de tal discussão, desta maneira, como não temos o objetivo de debater a respeito de toda a evolução histórico-social da educação, avançamos e direcionamos o olhar para o século XV, ou seja, o período das grandes navegações. O motivo de pararmos exatamente neste período será revelado no próximo tópico.

## A AMÉRICA LATINA E AS BASES DO SEU MODELO EDUCACIONAL

Com o advento do surgimento do sistema capitalista brotou também, no continente Europeu (velho mundo), a necessidade de uma expansão quanto aos comércios. Os dois primeiros (como também os principais) países a serem contextualizados aqui são Portugal e Espanha, a relevância de citá-los está exatamente nos seus papéis no período colonial.

A relação comercial que fundamenta esta discussão é o relacionamento entre países do oeste europeu e a Índia. O objetivo deste relacionamento comercial estava pautado na obtenção de riquezas presentes neste espaço, ou seja, a obtenção por Portugal e Espanha, de bens produzidos na Índia. O interesse pelas “especiarias” impulsionou a busca destes povos por novas rotas, novos caminhos a fins de alcançar o seus objetivos. Schwarcz e Starling conceituam que:

O termo “especiarias” designava uma série de produtos de origem vegetal, de aroma ou sabor acentuado, utilizados como tempero e na conservação de alimentos, mas também como óleos, unguentos, incensos, perfumes e medicamentos. O consumo foi particularmente desenvolvido a partir das cruzadas sendo as espécies tropicais – pimenta-do-reino, cravo, canela e noz-moscada – as mais estimadas no fim do século XIV. Nativas da Ásia, tais especiarias eram então muito valorizadas e seu preço subia a olhos vistos. Acabaram virando moeda, e se tornando parte de dotes de nobres e princesas, de herança, reservas de capitais e divisas do reino (...) (SCHWARCZ E STARLING, 2015, p.23)

O Interesse em ouro e prata também era recorrente e bastante relevante neste contexto. Galeano (2018, p.32) coloca que “na Idade média, uma bolsa de pimenta valia mais do que a vida de um homem, mas o ouro e prata eram as chaves que o renascimento usava para abrir as portas do paraíso do céu e as portas do mercantilismo capitalista na Terra”.

Devido o embargo turco, tomada de Constantinopla, a rota por terra entre os países cristãos do oeste europeu e as índias se tornara indisponível, desta forma os mesmo passaram a buscar rotas alternativas por fim, chegando à conclusão de que a melhor opção seria por mar.

Após Vasco da Gama, em 1499 conseguir finalmente demonstrar ser possível, como também fundamentar uma rota marítima para Índia outros países puseram-se a tentar desempenhar tal feito. O aperfeiçoamento da navegação, a situação geográfica (fisicamente o mesmo se situa na costa do atlântico) e a precoce unificação dos povos de Portugal fez deste um dos que buscaram cumprir este percurso e chegar as Índias a fim de expandir seu mercado. Sobre os interesses portugueses, Schwarcz e Starling afirmam que:

Desde o princípio o impulso para o expansionismo em Portugal seria pautado por interesses comerciais, militares e evangelizadores, equilibrados em boas doses. Mas, entre os séculos XIV e XV, o que mais animou os portugueses a procurar por novas rotas foi o mercado de especiarias provindas do Oriente. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p.23)

A Espanha, enfrentando este mesmo destino também lançou-se aos mares idealizando a existência de uma rota pelo ocidente, com isso encontrando o continente americano. Não podemos afirmar um descobrimento destas terras por espanhóis ou portugueses por dois motivos, o primeiro seria que povos da Noruega já, de alguma forma haviam encontrado tais terras bem antes, e o segundo seria a existência de povos nativos nestas novas localidades. Na época, tais fatos eram obscuros, de acordo com Galeano:

(...) o próprio Colombo morreu ainda convencido de que havia alcançado a Ásia pela costa. Em 1492 quando a bota espanhola enterrou-se pela primeira vez nas areias das Bahamas, o almirante acreditou que essas ilhas eram as sentinelas avançadas do Japão (GALEANO, 2018, p.29)

Nesta mesma época, existia um acordo entre Portugal e Espanha que instituiu que toda nova terra encontrada deveria ser dividida entre tais países, e assim fez-se com as terras do que viria a ser chamada América do Sul ou América Latina.

A princípio, a colonização espanhola na América do sul foi sangrenta, pautada na execução dos nativos. Sobre os nativos desta localidade Galeano relata:

Havia de tudo entre os indígenas da América: astrônomos e canibais, engenheiros e selvagens da Idade da Pedra. Mas nenhuma das culturas nativas conhecia o ferro e o arado, o vidro e a pólvora, e tampouco empregava a roda. A civilização que se abateu sobre estas terras, vindas do outro lado do mar, vivia a explosão criadora do Renascimento (...). O desnível desenvolvimento dos dois mundos explica em grande parte a relativa facilidade com que sucumbiram as civilizações nativas. (GALEANO, 2018. p. 35)

Desta maneira, não se pode generalizar os discursos de que todos os nativos seriam selvagens sem nenhum conhecimento ou interpretação dos fatos. Dentre a tripulação dos

navios que cruzavam os oceanos existe uma figura relevante quanto à educação, os padres. Sobre isso, Schwarcz e Starling (2015, p.25) relatam que “ainda embarcavam padres – que, no alto-mar, cumpriam tanto o papel de orientadores espirituais quanto o de médicos- (...)”.

Na verdade, o que ocorre no Brasil neste período deve ser nomeado como aculturação. Saviani (2008, p.27) defende que “trata-se, evidentemente, de aculturação, já que as tradições e os costumes que se busca inculcar decorrem de um dinamismo externo, isto é, que vai do meio cultural do colonizador para a situação objeto de colonização”, os responsáveis por desempenhar este papel era a igreja. (Não ressaltamos apenas a atuação dos Jesuítas, pois existiam ainda outros grupos de atuação religiosa, como por exemplo, os franciscanos no Brasil).

Dentro deste processo de aculturação, existem duas figuras de real valor e atuação ativa: os padres e os nativos. De acordo com Saviani (2008):

O eixo de trabalho catequético era de caráter pedagógico, uma vez que os jesuítas consideravam que a primeira alternativa de conversão era o convencimento que implicava práticas pedagógicas institucionais (as escola) e não-institucionais (o exemplo). (SAVIANI, 2008, p.31)

Desta maneira, os pioneiros da educação no Brasil foram os Jesuítas, tendo como objetivo a catequização dos índios a partir do conhecimento formalizado e o exemplo instituído. Este diálogo tomando a perspectiva do colonizador traz consigo a ideia da inexistência de um modelo pedagógico entre os nativos, entretanto existia sim uma organização quanto as aprendizagens destes, como expõe Saviani:

Em sua organização social, os tupinambás distinguiam cinco grupos de idade tanto para homem como para a mulher: os *peitan*, designação dos recém-nacidos até começar a andar, distinguiam-se em a) *Kunumy-miry*, crianças do sexo masculino até 7-8 anos e *Kugnatim-miry*, meninas até 7 anos; b) *Kunumy*, meninos de 8 aos 15 anos e *Kugnatim*, meninas dos 7 aos 15 anos; c) *Kunumy-açu*, rapazes dos 15 aos 25 e *Kugnammuçu*, moças dos 15 aos 25 anos; Aua, homens dos 25 aos 40 anos, sendo que, neste grupo, se distinguiu o homem casado pelo nome de *mandaramo* e *Kugnam*, mulher dos 25 aos 40 anos, sendo a mulher casada denominada *Kugnammuçupoare*; e) finalmente *Thuyuae*, homens de 40 anos em diante e *Uainuy*, mulheres de 40 anos em diante. (SAVIANI, 2008, p.36)

Cada uma destas estratificações sociais detinha sua importância dentro da tribo, e estaria vinculada a um tipo de aprendizado. A partir dos 7 anos haveria também a divisão do trabalho, onde rapazes passariam a acompanhar os pais em caçadas e moças passariam a aprender com as mães.



Como podemos perceber, dos 15 aos 25 anos era uma faixa etária em que as pessoas do grupo passavam a ter um nível de participação um pouco maior e atuação mais efetiva nas suas atividades diárias. Dos 25 aos 40 anos o indivíduo passaria a deter tanto voz quanto participação mais ativa nos seus espaços de vivência, aqui é relevante destacar o contato com os mais velhos e as tradições. Quando alcançavam os 40 os indivíduos passavam a orientar os mais jovens da tribo. A educação destes, de acordo com Saviani (2008, p.38) estaria estruturada sobre um tripé, sendo: “a força da tradição, a força da ação e a força do exemplo”. O referido autor destaca ainda que:

De modo geral observa-se que os conhecimentos e técnicas sociais eram acessíveis a todos, não se notando qualquer forma de monopólio. A cultura transmitia-se por processos diretos, oralmente, por meio de contatos primários no interior da vida cotidiana. E isso não apenas nas relações entre os adultos e as crianças e jovens. Em qualquer idade e tipo de relação social era possível aprender, convertendo a todos de algum modo, a posição de mestre. (SAVIANI, 2008, p. 38)

É necessário ainda considerar que o aprendizado que demonstramos aqui, quanto aos povos nativos, se dava de forma comunal, onde um aprenderia com o outro. No caso de insubordinação aos interesses dos colonizadores portugueses estes nativos seriam castigados ou mesmo mortos.

## A AMÉRICA ANGLO-SAXÔNICA E A FORMAÇÃO DE SEU MODELO EDUCACIONAL

Até então, apenas dialogamos a respeito do contexto histórico-social do modelo educacional da América Latina. Deste modo, a partir deste ponto penderemos nosso olhar crítico também ao modelo colonial Norte-Americano.

Podemos afirmar, desta maneira, que não apenas Portugueses e Espanhóis detiveram interesses nas terras do chamado “Novo Mundo”. Falando especificamente a respeito do território norte-americano e os primeiros contatos com este território, Karnal aponta que:

A presença europeia na América é bem anterior ao século XV. Temos, por exemplo, provas concretas da presença de vikings no Canadá quase cinco séculos antes de Colombo. (...) A princípio donos do Oceano Atlântico, portugueses e espanhóis dividiram o novo mundo entre si em acordos como o Tratado de Tordesilhas. Os ingleses, excluídos desta partilha, contestaram a validade de Tordesilhas e praticaram a pirataria oficial (a atividade de corsário) sobre os navios dos países Ibéricos. A Inglaterra, entretanto não ficou apenas concentrada no roubo de navios ibéricos e nos saques da costa. Ainda no final do século XV, encarregara John Cabot de explorar a América do Norte. (KARNAL, 2017, p.29)

Dentro desta perspectiva, o território norte americano começou então a fomentar a cobiça dos países europeus induzindo-os à ocupação deste espaço. Esta cobiça era concretizada considerando a existência real de riquezas nas novas terras ocupadas. Karnal (2017, p.29) afirma a difusão de uma crescente onda de notícias apontando a existência de riquezas como ouro e prata retirados do México e do Peru, por exemplo.

Vários mitos a respeito da existência de riquezas em abundância encontradas nas terras americanas surgiram nesta época, alguns destes se mostraram reais como o de Eldorado ou o tesouro de Montezuma por exemplo. Sobre isto, Galeano contesta que:

Nasceu o mito do Eldorado, (...) muitos perseguiram em vão nas florestas e nas águas do Amazonas e do Orinoco. A quimera do “monte que manava prata” se tornou realidade em 1545, com o descobrimento de Potosí. (...) Havia sim, ouro e prata em grande quantidade, acumulados na meseta do México e no altiplano andino. (GALEANO, 2018, p. 33)

A partir das crenças nestes mitos, como também nos benefícios que a exploração destas terras acarretou para Portugal e Espanha, outros países buscaram explorar este novo território, ocorrendo assim invasões em várias partes do território americano (os Holandeses no litoral nordestino no Brasil e os Franceses invadindo o nordeste nos Estados Unidos são exemplos).

Galeano (2018, p.38) aponta que grande parte dos nativos com este primeiro contato vieram a perecer, pois seus organismos não possuíam resistência às doenças europeias, ainda “os que sobreviviam ficavam inúteis”. Da mesma maneira ocorrera nas terras Estadunidense, Karnal e Purdy et. al aponta o fato de que:

Estas primeiras aproximações europeias do território dos Estados Unidos já causaram um efeito duplo sobre as imensas populações indígenas da região. Primeiro foram trazidas doenças novas como o sarampo e a gripe, que causaram milhares de vítimas entre as populações nativas, absolutamente despreparadas para este contato biológico. (KARNAL; PURDY et. al., 2018, p.40)

De acordo com Karnal (2017, p.54), existiam “centenas de tribos indígenas” habitando “a América do Norte até a chegada dos europeus (...) há uma variedade enorme nestas tribos: só em línguas diferentes encontraram-se mais de trezentas”.

Fora o fator biológico, também a questão cultural contribuiu para a exclusão do nativo nas colônias do norte. Karnal (2017, p.55) destaca que “como os Índios não tem uma cultura semelhante à europeia, ele (o europeu) os considera incivilizados”.

É relevante destacar aqui, que diferente do processo ocorrido na porção da América do Sul, na porção norte do continente o processo de colonização desprezava

completamente o nativo, analisando o índice anterior é possível perceber que em alguns pontos da América Latina, houve a tentativa de catequização dos indígenas, a fim de manipular o mesmo, através deste contato religioso e educacional, ao trabalho.

Já na Anglo-saxônica, é possível perceber certo descaso com os povos indígenas, até um desinteresse nos mesmos. Karnal afirma que:

A atitude diante dos índios nessa fase inicial foi praticamente a mesma ao longo de toda a colonização inglesa na América do Norte: um permanente repúdio a integração do índio, diferentemente das áreas portuguesas e espanholas. O universo inglês, mesmo quando eventualmente favorável a figura do índio, jamais promoveu um projeto de integração. O índio permaneceu um estranho – aliado ou inimigo- mas sempre um estranho. (KARNAL, 2017, p.34)

Dentre os povos advindos da Europa para a parcela norte do continente (órfãos, trabalhadores sem-terra, etc.), vieram também Puritanos e Peregrinos. Estes povos, descontentes com a situação religiosa como também com a perseguição sofrida (principalmente nos séculos XVI e XVII) imigraram para estas novas terras em busca de melhores condições de vida, também podemos ressaltar o grupo religioso conhecido como Quakers<sup>1</sup>. Karnal e Purdy et. al. contribui para este dialogo quando destaca que:

A perseguição religiosa era uma constante na Inglaterra dos séculos XVI e XVII. A América seria um refúgio também para esses grupos religiosos perseguidos. (...) Neste grande contingente, embrião do que seriam os Estados Unidos, misturam-se inúmeros tipos de colonos: aventureiros, órfãos, membros de seitas religiosas, mulheres sem posse, crianças raptadas, negros e africanos, degredados, comerciantes e nobres. (KARNAL; PURDY et. al, 2018, p.46 – 47)

O modelo educacional formal difundido nos Estados Unidos esteve desde os primórdios, vinculado com ideais religiosos. É importante destacar que durante este mesmo período, o nível educacional da América Latina já se encontrava em patamares elevados.

Até mesmo estruturas de ensino superior detinham real importância e estavam de alguma forma vinculada a questão religiosa, por exemplo, os pré-requisitos para a aceitação em uma instituição destinada à formação superior. De acordo com Karnal

---

<sup>1</sup> **Grupo religioso surgido na Inglaterra, em 1647, como uma dissidência da Igreja Anglicana.** Um dos pilares da fé dos Quakers é a crença de que Cristo está presente sempre que os "amigos" se reúnem em silêncio, assim dispensam a figura de líderes ou mediadores. "Os Quakers notabilizaram-se por crer na manifestação de Deus por meio de uma voz interior. Assim, todos os crentes são considerados ministros em potencial", afirma o pesquisador Douglas Nassif Cardoso, da Universidade Metodista de São Paulo. Representam uma posição diferenciada, contrários tanto ao Catolicismo quanto ao Protestantismo. FONTE: <http://www.acasadoespiritismo.com.br/curiosidades/o%20que%20sao%20quakers.htm> acesso 05/06/2021

(2017, p.40) era necessário “ter capacidade de ler e interpretar Virgílio e trechos gregos da Bíblia, escrever em latim, saber aritmética e levar uma vida “inofensiva””.

Não apenas na vida acadêmica ocorriam estas preocupações religiosas, mas também na vida corriqueira dos mesmos. Punições e normas voltadas ao contexto religioso também estavam presentes neste modelo educacional. Também devemos considerar a existência de questões raciais dentro desta discussão, por exemplo, pouquíssimos negros tinham a oportunidade de serem alfabetizados, o que resulta no racismo estrutural presente na realidade.

O processo educacional chegou aos nativos da América do Norte vinculado as companhias ao qual o território foi cedido, Karnal (2017, p.57), explica tal fato considerando a forma de integração e visão das companhias responsáveis pela colonização das regiões, “as companhias que iniciaram a colonização nunca fizeram um movimento efetivo pela conversão do índio. O empreendimento foi tratado como empresa, não como epopeia”. Tanto é que em algumas localidades, mais especificamente nas colônias do sul dos Estados Unidos, existiram casos de escravidão quanto aos povos nativos.

Contudo, percebe-se que o índio não era apenas negligenciado quanto ao modelo de civilização norte-americano, este também era concebido como uma problemática a ser sanado. A história da exploração das terras deste território foi marcada com o sangue de diversas etnias nativas da região. Karnal e Purdy et al consolidam esta ideia quando destacam que:

O que fazer com os nativos americanos, uma vez que eram vistos como obstáculos á conquista de territórios e aos interesses de pequenos e grandes proprietários? Os chamados selvagens resistiam como podiam, inclusive com emprego de violência, ao avanço dos “brancos” sobre seus territórios. (KARNAL; PURDY et al., 2018, p. 113)

A partir do elucidado, podemos perceber o indígena como sendo um “peão” a ser utilizado e descartado pelos colonizadores, tanto nos conflitos por território com outras nações quanto no processo de tomada de terras no oeste, e remoção destes de seus espaços de origem. Todavia, ainda existiram algumas tentativas, mesmo que falhas, de conversão do nativo. Karnal aponta que:

Havia mesmo um colégio índio em Harvard, onde os puritanos pretendiam formar elites índias cristianizadas para atuarem próximos aos índios. Os índios deveriam estudar logica, retorica, grego e hebraico. É fácil imaginar que o colégio não foi um sucesso enorme entre as populações indígenas. Em 1665, um índio com o complexo nome de Caleb Cheesahahteumuck concluiu seu

bacharelado no colégio. Foi o único. Nenhum outro índio conseguiu esta proeza. O colégio tornara-se um fracasso, e, em 1698, foi demolido. Houve outras experiências de conversão e catequese. Nenhuma foi para a frente. Os esforços do reverendo Eliot, que chegou a traduzir o Novo Testamento para os índios algonquinos são a exceção, não a regra. (KARNAL, 2017, p.57 -58)

Diante do exposto, podemos apontar que as tentativas de “conversão” indígena tinham como real objetivo o controle dos nativos por parte do colonizador. No entanto, podemos perceber que mesmo diante de um processo de imposição, por meio da educação aos nativos, foi algo que permaneceu estranho e distante. Portanto, a proposta não correspondeu a expectativa, tornando-se assim um grande fracasso.

## 2 CONCLUSÃO

Ao analisarmos o modelo educacional desenvolvido nas colônias americanas podemos perceber que a diversidade é o principal fator que marca os artifícios educacionais ocorridos no novo mundo.

Considerando a diversidade de crenças e cultura dos colonizadores europeus compreendemos que não é possível afirmar que o modelo adotado por um de alguma forma era semelhante ao contexto de outros. Podemos citar, por exemplo, a situação Brasileira pautada na catequização e em educar o índio; os norte-americanos, que decidiram por tornar o nativo alheio as suas relações; os conquistadores da América central, apenas preocupados com a riqueza e em utilizar a mão de obra dos nativos desta localização.

Os procedimentos coloniais desempenhados em tais espaços foram divergentes em alguns pontos, porém, chegaram em um resultado semelhante. No Norte, os diversos conflitos resultaram na fuga do índio para o oeste e o desaparecimento de diversas tribos e etnias; na América central o conflito entre nativos e colonizadores se deu logo nos primeiros momentos da invasão hispânica, como também a escravização dos povos nestes espaços, já nas regiões do sul, tanto o sangue quanto a fuga marcaram a história dos nativos que buscaram paz em territórios do interior.

Ou seja, sendo empreendimento ou epopeia, sendo povoamento ou exploração, os resultados não foram favoráveis ou benéficos aos nativos do novo mundo.

Entretanto, é necessário perceber um fato ao analisar os acontecimentos históricos como um todo a grande, quiçá única, preocupação europeia era a exploração, seja das riquezas naturais, seja do trabalho. Em todas as suas facetas o nativo pode ser percebido como alheio ou próximo, porém sempre visto como um objeto, um bem a ser explorado.

Tal exploração ocorria de forma muito evidente por meio do modelo educacional, bem como, mediante inculcação religiosa.

## REFERENCIAS

- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.
- ENGUITA, Mariano. **Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação**. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1993.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da America Latina**. Tradução de Sergio Franco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.
- KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: a formação da nação**. 5.ed, 4° reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- KARNAL, Leandro; PURDY, Sean. Et.al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século xxi**. 3.ed. 6° reimpressão. São Paulo: Contexto. 2018.
- MACENO, Talvanes. **A impossibilidade da universalização da educação**. São Paulo: Instituto Lukács, 2019.
- PORTO, Ana Carla Vaz. **O Toyotismo e a precarização dos direitos trabalhistas**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 7, n. 4, abr. 2021, p. 43435-43453. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/29052>. Acesso em: 5 jun. 2021.
- SANTOS, João Almeida; FILHO, Domingos. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning. 2011.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2.ed. rev e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. 1° ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.